

Deputado se eleger com 95 mil votos

339

Projeção é do TRE, com base na eleição de 89. Para fazer um distrital serão necessários 32 mil eleitores

Sebastião Pedro

O Tribunal Regional Eleitoral do Distrito Federal realizou um estudo simulado, com base nos dados da eleição de 1990, que estipula alguns números para o próximo pleito em outubro. Segundo o levantamento, o número de votos mínimos para um partido conseguir eleger um deputado federal será de aproximadamente 95 mil. Já para deputado distrital o número mínimo por partido ou coligação será de 32 mil votos. Estes números foram calculados levando-se em conta um total de 760 mil votos válidos, com um índice de comparecimento às urnas de 87% (o mesmo da última eleição).

Os dados do TRE apontam para um eleitorado estimado de um milhão de pessoas. O tribunal trabalhou com os mesmos dados da eleição de 90, estimando o número de votos em branco para deputado federal em 135.500, enquanto para distrital este número é de 121.500. Os votos nulos foram considerados como 97.500 e 92.500 respectivamente para cada um dos cargos. Os dados levantados pelo TRE indicam que o partido que fizer 95 mil votos mais 54 mil terá chances de eleger

mais de um deputado federal. Para a Câmara Legislativa, o partido ou a coligação que obtiver o mínimo de 32 mil mais 18.500 votos também elegerá mais de um representante.

Metodologia — Os números foram obtidos através do cálculo do quociente eleitoral. Determina-se este quociente dividindo o número de votos válidos pelo de lugares a preencher em cada circunscrição (na Câmara Federal oito vagas e 24 na Legislativa). Para a determinação do quociente eleitoral contam-se os votos em branco como válidos.

Para saber se um candidato a deputado foi eleito, entretanto, é necessário um segundo cálculo: o de quociente partidário. Neste cálculo divide-se o número de votos válidos dados sob a mesma legenda e coligação de legendas pelo quociente eleitoral. Estarão eleitos tantos candidatos quanto o respectivo quociente partidário indicar, na ordem da votação nominal que cada um tenha recebido.

Síndrome — Estes tipos de cálculos são responsáveis pela “síndro-

me dos quocientes” que atinge candidatos bons de voto, mas que concorreram em uma coligação ou partido de menor expressão. O candidato a deputado federal em 1990, Alemão Canhedo, por exemplo, obteve 23 mil 485 votos, quase o dobro do candidato Sigmaringa Seixas que acabou eleito. O economista Wasny de Roure acabou se elegendo para deputado distrital com 2.848 votos. Bem menos que os 3.995 obtidos por Antônio J. Garcia, que não conseguiu a eleição. Em ambos os casos, o que funcionou foi o partido ou a coligação com mais votos, em detrimento de candidatos com sucesso.

As coligações na última eleição acabaram gerando polêmicas. O deputado distrital Carlos Alberto acusou o PT de “irresponsável e isolacionista”. “Se tivéssemos feito uma coligação mais ampla, teríamos ampliado nossa bancada na Câmara Federal e na Legislativa”, acusou em 1990, quando se elegeu pelo PCB. O deputado não pode reclamar desta vez, já que é candidato ao Senado por uma coligação envolvendo o mesmo PT e o seu partido, o PPS.

Geraldo Magela



Depois de quatro horas de discussão, os tucanos decidiram protelar a decisão sobre alianças

341